

A Teatralidade e a teatralização do poder na literatura de Franz Kafka **Beatriz Wey**

Centro Universitário de Barra Mansa

Palavras-chave: Teatro-literatura-poder teatralização- alienação-sociedade

A teatralidade do poder não constitui em si mesma uma novidade nas artes cênicas. Desde a antiguidade clássica, Teatro e Poder tiveram um lugar privilegiado no fórum de debates sobre a construção do espaço público, a *polis*. Para Aristóteles, “o homem é um animal político” (Châtelet, 1985:15) porque vive na cidade e tem a capacidade de refletir sobre seus atos, dar significantes à sua história por meio da representação. Como consequência, para os gregos, os homens produzem sua sociabilidade que é natural, mas precisa ser ordená-la, daí o lugar privilegiado da política e do Teatro.

Neste momento histórico, deu-se início à construção das primeiras abordagens do Teatro e sua relação com a Política, para além das estruturas burocráticas do Estado, que estava ainda distante de sua configuração atual, mas que já apresentava contornos interessantes sobre o pensar e fazer republicano. Esta aproximação entre Teatro e Política, ainda incipiente, se revelava, gradativamente, por meio da literatura e da mitologia. A tragédia grega deixou pistas de ordem universal para se perceber o significado que o poder e a violência (afetiva, econômica ou mesmo política) têm sobre os desarranjos da sociedade.

Com as redefinições históricas, literatura e dramaturgia ganharam formas diferentes para pensar e produzir uma teoria e prática cênica sobre as relações de poder. Enquanto relação, o poder está entre os homens de forma intensa, somos políticos por natureza, o que justifica que além da teatralidade, a teatralização do poder se fez presente como possibilidade cênica ao apontar os caminhos percorridos pelo homem visando mudar o comportamento de outro homem. Neste sentido, entende-se que a política tem uma origem mundana, nasce da própria malignidade que é intrínseca à natureza humana (Weffort, 2000:20). O exercício do poder está para além do uso da força física, que é apenas um meio para a conquista do poder. Poder está diretamente relacionado ao saber, ao conduzir de maneira eficaz o outro. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2004:8).

A relação com a literatura é indubitavelmente necessária, seja pelo próprio entendimento do sentido amplo do poder, ou mesmo como processo de construção da dramaturgia. Na literatura Kafkiana, de forma especial, o poder é revelado de dentro e fora do âmbito institucional. Kafka aponta para a presença constante da materialização das tensões sociais e seus desdobramentos revelados nas aflições dos personagens centrais, tanto nos romances como nos contos. Por este aspecto, em especial, a teatralidade do poder em Kafka nos levou a elaboração de uma dramatização.

Em todas as ações humanas existe a presença marcante da autoridade que gera medo e insegurança, em ciclo de relações de poder que são alternadas, mas nunca desaparecem.

Em qualquer época, o homem Kafkiano é parte constitutiva de uma engrenagem da qual ele desconhece seu sentido e, sobretudo, a maneira como deve estabelecer um elo de comunicação plausível. Nesse sentido, a incomunicabilidade em Kafka é uma categoria que pertence a contingência, ao cotidiano, que leva a oposição de caracteres; daí a razão de sentir-se um criminoso que observa um crime que não cometeu. (Kafka, 2006). Pelo insuportável ou absurdo das relações sociais, que em Kafka é transcendental, nos deparamos com a incomunicabilidade que determina circunstâncias alheias ao homem. Assim, com portas que não se abrem ou, entreabertas, impedem-nos de enxergar além do primeiro porteiro que guarda a porta da lei; o acesso à justiça é negado por ser estéril, apesar da profusão de sua estrutura. O poder reforça a dialética por ser dialético; dentro e fora da esfera estatal, alimentam o ciclo inevitável da tragédia e do caos, ao mesmo tempo em que visam o sem fim.

Com sua literatura do absurdo, revelamos as incompletudes e impossibilidades da vida, da comunicação e do equilíbrio. Não apenas aquelas em decorrência das macro-estruturas, burocráticas e incompatíveis com as necessidades dos indivíduos, mas as que afetam o indivíduo desde sua origem: as relações familiares e afetivas. Kafka não conseguiu explicar a vida social e a política num sentido abrangente, mas nos mostrou uma dimensão pouco considerada nas abordagens institucionais, fornecendo pistas para compreendê-los como arte, mostrando seus limites, paradoxos e insuficiências. Indivíduo e poder tendem sempre a se aproximar e, neste movimento, o indivíduo pode ser sacrificado pela morte, loucura ou outras perdas. Para esses e tantos outros conflitos existe um fim, mas não um caminho, e o que pensamos ser o caminho, é apenas perplexidade, uma armadilha que nos impede de revelar os contornos dos véus que nos cegam.

A Literatura de Kafka é marcada pela imparcialidade que abrange os temas da alienação e perseguição. No mundo Kafkiano, os personagens não sabem exatamente que rumo tomar, não compreendem sua trajetória de vida e suas vicissitudes, mas questionam seriamente a existência e acabam sozinhos, diante de uma realidade não almejada e que não oferece nenhuma vantagem ou recompensa. Assim como a relação entre literatura e poder é evidente, todo romance, em si mesmo, encena um tipo de teatro. A obra de Franz Kafka não suscita algo diferente, ao contrário, seu universo subjetivo aponta para a necessidade de interpretar o mundo interior face aos conflitos exteriores.

Cada olhar atento a um texto é um ato de interpretação. Nada, por mais óbvio que parece, expressa a compreensão simples do que é revelado. Isto porque estamos diante de uma visão sensata que produz o absurdo, ou a insensatez da vida. Prova disso é o fato de Gregor Samsa despertar transformado num inseto gigantesco, em "*A Metamorfose*" (Kafka, 2006).

Kafka cultua a estética da vulnerabilidade, vivenciada pelos sujeitos do nosso mundo pós-moderno, numa recriação simbólica do mundo pela imaginação. É por isso que sua obra encontra um lugar no imaginário e na memória que pode e deve ser tratada como uma representação da representação.

A recriação dos textos de Kafka aponta para o olhar do homem comum, que precisa permanentemente reinventar sua história como forma de compor seus conflitos, conflitos universais e permanentes que, por meio da tragédia se reconhece e se fortalece num

processo necessário e vital para sua sobrevivência. A dimensão do poder na obra de arte é ainda mais determinante quando analisamos a dramaturgia, pelo fato do teatro ser um espaço no qual somos levados a participar, exigindo engajamento, unidade entre representantes e representados e cumplicidade entre ator e público. Somos, simultaneamente, diante da arte, vítimas e culpados. Atuando numa esfera de conceitos justapostos, de forças contraditórias.

Embora seja um consenso de que a literatura e as artes cênicas não explicam os conflitos sociais, jurídicos e políticos num sentido abrangente, todos corroboram com a tese de que o caminho da arte nos mostra uma dimensão pouco considerada na abordagem institucional: materialidade e imaterialidade das tensões sociais.

Deste estudo sobre Teatro, Literatura e Poder foi possível elaborar um trabalho cenográfico que reuniu três contos de Kafka: *A Metamorfose*, *O Veredicto* e *Na Colônia Penal*. Em cada conto, nos deparamos com uma definição clássica de poder. Na *Metamorfose* o poder econômico e a alienação que coisifica os homens (Anders, 2007:18); em *O Veredicto* e o poder patriarcal e a “denúncia implacável sobre a estrutura repressora gerada pelo capitalismo monopolista (Coutinho, 2005:163); e *Na Colônia Penal* o poder político do Estado, que usando de seu aparelho repressor, incisa a sentença no corpo do condenado (Calasso, 2006:219). Kafka em vida demonstrou um grande interesse em reunir os três contos e intitular esta obra de “Punições”. A dramatização dos três contos recebeu o título de *Punições*. Este trabalho buscou em essência vislumbrarmos o poder, a partir da intensa pesquisa sobre o mundo das personagens de cada conto. Dramaturgia e direção de Almir Ribeiro¹² revelou o universo surpreendente da literatura kafkiana². A teatralidade dos três contos possibilitou o entendimento de que Gregor, Georg e o estrangeiro que visita a colônia penal, personagens respectivamente de *A Metamorfose*, *O Veredicto* e *Na Colônia Penal*, representam o mesmo homem, alienado e fragilidade diante das relações de poder. Em outras palavras, sujeito a vivenciar as diversas formas de poder simultaneamente. Ao final dos espetáculos, atores e platéia dialogaram sobre a literatura de Kafka, numa dinâmica própria do uso mais genuíno de fazer política.

O pensamento político de Kafka, assim como o de Shakespeare (Heliodora, 2005) não visa uma consciência de classe ou mesmo de despertar para a ação política, mas sugere a literatura e sua teatralização como um espelho da natureza.

Palavras -chave: Teatro- Literatura- Poder

Bibliografia

Anders, Gunther. *Kafka: pró & contra*. São Paulo: Cosacnaify, 2005

Calasso, Roberto. *K*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹ Almir Ribeiro é ator, diretor teatral, pedagogo e Coordenador do Curso de Pós-graduação em Teatro do Centro Universitário de Barra Mansa.

Châtelet, Olivier D. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Coutinho, Carlos N. *Lukács, Proust e Kafka – literatura e sociedade no século X.*, Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2005.

Foucault, Michel *Microfísica do Poder.*, São Paulo: Graal, 2004.

Heliadora, Bárbara. *O Homem Político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Agir 2005.

Kafka, Franz. *A Metamorfose*, Companhia das Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____ *O Veredicto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____ *Na Colônia Penal*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Weffort, Francisco. *Os Clássicos da Política*. São Paulo: Ática, 2000.